Softwares sociais, arte e jornalismo

Ana Paula Machado Velho
 Centro Universitário de Maringá – UniCesumar
 e Universidade Estadual de Maringá – UEM
 Sônia Cristina Dias Soares Vermelho
 Centro Universitário de Maringá – Unicesumar
 Diana Domingues
 Uninversidade de Brasília - UnB

Resumo

Este artigo reflete sobre o fato de que os jornalistas não são mais meros reprodutores de notícias. Precisam se engajar com a comunidade, se tornar agentes operativos com vistas a contribuir com a transformação do cotidiano. Essa necessidade se dá porque, no ambiente da cibercultura, os aparatos técnicos vêm sendo usados para práticas colaborativas de ativismo digital. Estas tecnologias vêm sendo os principais canais de incentivo a estas mobilizações, permitindo que as pessoas se comuniquem e exponham aquilo que mídia tradicional não coloca. Vê-se uma reengenharia da cultura, um processo que redesenha a atividade cultural a partir da tecnologia com foco nas transformações sociais. Sugere-se que o jornalista precisa mobilizar o indivíduo para as causas, utilizando as ferramentas com as quais o sujeito lida nos dias de hoje, e adotar a dinâmica que essas plataformas vêm implementando no mundo. Para ilustrar a discussão, utiliza-se a epidemia de dengue que assolou o noroeste do Paraná, em 2013.

Palavras-chave: *Jornalismo; Ativismo; Softwares Sociais; Dengue; Saúde.*

1. Introdução

Este artigo é fruto de pesquisas sobre a humanização das tecnologias para atender ao mundo tecnologicamente dependente. Artistas, jornalistas, engenheiros, biólogos, geógrafos, filósofos, físicos, médicos, músicos, coreógrafos, matemáticos, cientistas da computação investigam a reengenharia da vida e a reengenharia dos sentidos, reengenharia da natureza, reengenharia da consciência, reengenharia da cultura (Domingues, 2007).

É essa premissa que permeia essa discussão.

Este texto se propõe a refletir sobre o fato de que os produtores de conteúdo, jornalistas, comunicadores etc., nesse momento, não são mais meros reprodutores de notícias e de conteúdos frios. Eles precisam se engajar com a comunidade, se tornar agentes operativos (Cox e

Krysa, 2005), com vistas a contribuir com a reengenharia do cotidiano, da vida. Domingues diz que sistemas operacionais e interfaces com protocolos de acesso livre, mecanismos de busca entre outros aparatos técnicos vêm sendo usados para “práticas colaborativas de ativismo cultural digital na rede, ou ciberativismo”. Nesses ambientes, marcados pela reciprocidade e colaboração, “consumidores se tornam produtores, e produtores consumidores, leitores escritores e escritores leitores” (Domingues, 2007: 8). Fica a pergunta: esse processo vem efetivamente transformando o cotidiano das pessoas? Como os profissionais da comunicação podem contribuir para que estas tecnologias “trabalhem” para a reengenharia da cultura?

Essas questões remetem a Walter Benjamin (2006) que coloca, já no início do século passado, o jornalista como diretor da atividade artística e cultural com o desejo de mudança social, ao comentar a o trabalho de Tretiakov. Segundo Domingues, trata-se de uma atividade de engenharia social, “de adequar e transformar o uso do aparato tecnológico com fins sociais, por usos criativos de sua força produtiva que possam favorecer relações sociais [é preciso] agir como um engenheiro e usar criativamente o aparato para ativar relações em ambientes centrados no engajamento dos membros da comunidade” (Domingues, 2007: 5).

Benjamin destaca a mobilização de Tretiakov que se torna porta-voz da revolução russa, indo buscar nas cooperativas agrícolas o lastro para as suas produções jornalísticas e artísticas, que foram expostas no cinema, no rádio, nos jornais e nos livros. A grande pergunta de Benjamin (2006), a partir da reflexão sobre o trabalho dos do colega era a seguinte: que posição mantém uma obra com respeito às relações sociais de produção de sua época? No caso de Tretiakov, Benjamin procurava compreender como o russo usava a produção cultural (jornalística, artística) para agir nos diferentes meios de comunicação como mobilizador social?

2. Comunicação e tecnologia

Nos dias de hoje, a comunicação em mobilidade e ativista promove o agrupamento de pessoas de formas inesperadas. Nessa dimensão, a realidade contemporânea vai além da sociedade do espetáculo de Débord (1997). Dá-se no cenário urbano da cibercultura, da tecnologia pós-midiática, do cibercidadão, diferente da cena descrita por Débord, das práticas das imagens técnicas da sociedade de massa. Não se trata do autor, lidando com forma e conteúdo, em questões de representação, mas do uso das tecnologias ubíquas e o sentido de presença e senciência, de gerar conteúdos em contextos específicos, que podem estar presentes em todos os lugares, agindo aqui e lá, co-localizado, em estados de proximia e

teleproxemia (Hall, 2005).

Muitas manifestações que, atualmente, começam em páginas virtuais se estendem para as ruas, e esse tem sido o grande tormento das autoridades mundiais. Em 2011, por exemplo, a Primavera Árabe mostrou que os cidadãos do Egito e da Líbia encontraram na internet um espaço para discutir e se unir contra o governo. A *MoveOn.org*, organizou o maior protesto já realizado em Nova Iorque, levando 250 mil pessoas numa marcha contra a guerra, em 2003. Além disso, o *MoveOn* levantou recursos para estender sua campanha publicitária para emissoras de TVs, periódicos e rádios.

Também em 2003, houve uma reação popular à posição do governo espanhol depois do atentado de 11 de março, em Madrid. Às vésperas da eleição, as autoridades espanholas tentaram a todo custo responsabilizar o grupo separatista basco ETA pelos atentados, retendo informações, porque havia enviado tropas de apoio à invasão do Iraque, contrariando a imensa maioria da população. Milhões de mensagens SMS foram deflagradas para protestar contra a ação do governo. E há exemplos institucionalizados, como a parceria da Freedom House com o International Center for Journalists, que lançaram um mapa colaborativo alimentado pelo público com o objetivo de rastrear ataques contra jornalistas, usuários de mídia social e blogueiros que denunciam crimes e corrupção no México (Martinez, 2013).

No Brasil, existem várias manifestações populares divulgadas na internet. Uma pesquisa realizada pelo Datafolha em conjunto com a agência de publicidade Box indicou que 71% dos 1.200 jovens entre 18 e 24 anos entrevistados acreditam que a internet é um instrumento alternativo de mobilização social (Mendes, 2011). Exemplos desta resposta da juventude aos estímulos da internet estão na ação contra o tombamento do Cine Belas Artes de São Paulo; na mobilização do Centro de Mídia Independente, site de publicação aberta e sem moderação prévia que divulga notícias, textos, fotos, vídeos e denúncias a toda hora enviados por voluntários; e na “Marcha das Vadias”, um movimento pela igualdade de gênero, que surgiu no início de 2011 no Canadá e se espalhou pelo mundo, graças à rápida comunicação através da Internet. No Brasil, a Marcha ocorreu em várias cidades, inclusive Maringá-PR, organizada basicamente por meio de redes sociais e blogs.

Mas nada se compara às manifestações que ocorreram no mês de junho no país, orquestradas pelos softwares sociais. Para o pesquisador Manuel Castells (2013), as mídias sociais “permitem a distribuição viral de qualquer mensagem e o acompanhamento da ação coletiva”, o que contribuiu, de alguma forma, para a ampliação do sucesso das mobilizações. Segundo a empresa de monitoramento Scup, mais de 79 milhões de

internautas foram impactados pelos compartilhamentos do *Facebook*, *Twitter* e *Youtube*. Enfim, elas foram os principais canais de incentivo às mobilizações, permitindo que as pessoas se comunicassem e até expondo aquilo que mídia tradicional não colocava em pauta.

É isso que vem sendo chamado de reengenharia da cultura (Cox e Krysa, 2005), um processo que procura desenhar a atividade cultural a partir da tecnologia com foco nas transformações sociais. O foco das investigações desta pesquisadora são ações que possam modificar o espaço, da paisagem, a saúde e o ambiente, por meio das ferramentas tecnológicas. Ve-se o crescimento da presença ubíqua¹ de telefones celulares e das redes informáticas por praticamente todos na comunidade. Os acessos à banda larga móvel no Brasil cresceram cerca de 1.800% em quatro anos. Em 2008, os acessos totalizavam dois milhões apenas, enquanto que em fevereiro de 2013 o número pulou para 65 milhões. A participação do 3G tem acompanhado o movimento e, no fim de 2012, um em cada cinco celulares já operavam com a tecnologia, o que confirma a tendência de substituição da base GSM. A expectativa é que o Brasil encerre 2013 com 82 milhões de acessos de banda larga móvel (Ministério, 2013).

3. Comunicação e saúde

Neste cenário tecnológico, destaca-se a possibilidade de empregar este aparato para subsidiar mudanças de hábitos do sujeito para uma vida mais saudável, base do processo de promoção da saúde. As pesquisas nesta área são inspiradas pelo fato de que se nota o uso da tecnologia móvel e sua capacidade portátil e de criação de redes instantâneas de comunicação para aplicações no campo da saúde pública, no que vem sendo denominado como *m-health* (*mobile-health*). As propostas são variadas, mas se referem a redes sociais baseadas em geolocalização e compartilhamento de informações sobre a saúde de indivíduos, aplicações e softwares para aquisição de dados e hábitos saudáveis dos usuários, aplicações que acompanham atividades físicas etc..

Na medicina, propostas em *m-* e *u-health* propõem-se a monitorar o corpo, em seus sinais biológicos básicos, identificando alterações consideráveis o sistema entra em contato e divulga os dados para médicos e outros profissionais da saúde. A prevenção e cuidado de doenças são possíveis aqui, mediante o monitoramento do paciente

1 Weiser (1995) usou o termo ubíquo, (que significa algo *que está ou pode estar em toda parte ao mesmo tempo, onipresente*), para descrever uma espécie de computação sem computadores [...] com a capacidade de desaparecer nos ambientes (*apud* Diana E Lucena, 2011).

em seus deslocamentos e atividades cotidianas, vinte e quatro horas por dia. As ações médicas são possíveis pelas interfaces não invasivas e pelas tecnologias assistivas, por dotar o ambiente da casa para observar e facilitar a vida do paciente. São produções que envolvem artistas, estilistas, fabricantes de têxteis, usuários e profissionais afins para compartilhar informações e avanços na computação vestível ou wearables [...] e que inclui uma “medicina do futuro” (Domingues E Lucena, 2011).

Este artigo, porém, amplia a discussão propondo se pensar a área da promoção da saúde, que prega a importância de se instrumentalizar o indivíduo com informações, para que ele possa ser peça mais atuante na própria qualidade de vida. Configura-se aí e legitima-se no Brasil e em boa parte do mundo a doutrina dos cuidados primários ou Atenção Primária da Saúde (APS), que cresceu como resposta aos interesses políticos e pragmáticos de prevenção da doença.

Essa nova filosofia se fortalece no Brasil no período da década de 80, quando os movimentos sociais renascem com muita força, na tentativa de minimizar o custo social do período militar no país. O próprio Estado age em favor de mudanças na área social, que são ratificadas com a promulgação de uma nova Constituição. Esta nova Carta Magna contém o desenho do Sistema Único de Saúde que, em sua essência, visa implementar um novo modelo de política de saúde pública, no qual a disseminação de informação é fundamental.

Mergulhados num mundo no qual se vê uma ebulição de tecnologias de rede e de mobilidade, surgem protocolos diferentes para os processos de comunicação, especialmente quando se fala sobre questões ligadas à saúde. A informação gerada sobre essa área de conhecimento é de extrema importância para o cidadão contemporâneo.

A Associação Americana de Medicina define esse processo de organização de informação como uma iniciativa de alfabetização em saúde. Consiste exatamente em habilitar o cidadão da capacidade de obter, processar e compreender informação básica em saúde, necessária à tomada de decisões apropriadas. A não alfabetização em saúde leva a erros no uso de medicações, a não procura de ajuda médica quando necessário e à dificuldade em assumir hábitos de vida saudáveis. Ações nesta área demandam novas estratégias de reorganização do sistema de saúde, novos investimentos financeiros e também em comunicação, que redundem em mudanças de estilos de vida.

Uma reportagem publicada no jornal O Globo, em janeiro de 2011, mostra os dados de uma pesquisa da Bupa Health Pulse, que ouviu mais de 12 mil pessoas na Austrália, Brasil, Grã-Bretanha, China, França, Alemanha, Índia,

Itália, México, Rússia, Espanha e Estados Unidos. O levantamento descobriu que 81% das pessoas que têm acesso à internet usam a rede para obter orientações sobre saúde, remédios ou condições que necessitem cuidados médicos. O Brasil é o quinto país que mais procura orientações sobre saúde na internet, revela também a pesquisa (Brasil, 2011).

Diante desse contexto, emergiu uma área de estudo chamada de Comunicação em Saúde, que reconhece que a informação de qualidade, difundida no momento oportuno é um poderoso instrumento de promoção da saúde e precisa estar baseada na apresentação de dados e avaliação de informações educativas, interessantes, atrativas e compreensíveis (Lopes, 2011). Esse movimento vai ao encontro das ponderações de Capra (1982), que diz que diversos problemas de saúde são gerados por fatores econômicos e políticos, que só podem ser modificados coletivamente, por meio de uma ação que determine o envolvimento de pessoas em larga escala. Essas ações, reforça o escritor, não podem ser fornecidas, simplesmente, à população, mas devem ser praticadas com ela, diariamente, por todos os atores envolvidos neste cenário da promoção da saúde.

O caso da dengue, tema que interessa a esta pesquisadora, pode ilustrar o que está sendo dito. Nota-se que o processo de comunicação, em nível institucional e social, é fundamental para conter a proliferação da epidemia. No drama da dengue, a relação do indivíduo com a cidade é fundamental para reverter a circulação do vírus (arbovírus da família *Flaviviridae*, gênero *Flavivírus*) e do mosquito transmissor, o *Aedes aegypti*. Assim como a saúde, o espaço é uma produção social. Se o espaço está enfermo, o sujeito adoce. A paisagem está doente nos bolsões de lixo, na falta de saneamento das favelas, e se mostra doente também, num nível macro, por meio do aquecimento global que provoca estações quentes ainda mais chuvosas. Tudo isso se reflete no bem estar do sujeito, já que o conceito de saúde, hoje, pregado mundialmente e ratificado pelo SUS, é que esta é “o resultado de complexas redes causais que envolvem elementos biológicos, subjetivos, sociais, econômicos, ambientais e culturais que se processam e sintetizam na experiência concreta de cada sujeito singular, de cada grupo em particular e da sociedade em geral” (Brasil, 2009).

4. O papel do jornalista

O jornalismo é prática social integrada à cultura. As mudanças que a tecnologia operou na comunicação deram à imprensa – jornal, revista, livro – uma função da maior importância nas relações sociais. As fontes responsáveis pelos processos informativos como o jornal, o rádio, a propaganda, a televisão, o cinema, a música, o teatro,

passaram a ser, na sociedade industrial, fontes de fabricação cultural. O jornalismo, hoje, como uma destas fontes, está inserido no contexto social como uma forma de expressão que tem o objetivo de informar a sociedade sobre os acontecimentos do cotidiano. Essa função “dada” ao jornalismo, no entanto, é fruto de um movimento da cultura, da sua expressão (Velho, 2007).

O jornalismo “nasceu” nas bases que conhecemos hoje, no final do século XVIII, com a Revolução Francesa. Ciro Marcondes Filho (2000) chama esta primeira fase de jornalismo da “iluminação”, quando o controle do saber, que funcionava como dominação do clero e dos nobres, desmoronou. Os jornais eram instrumentos de luta, de mobilização social. No entanto, a caminhada em torno da modernização da economia do mundo civilizado fez surgir a grande empresa capitalista. A disseminação da informação conhece, aí, suportes revolucionários como o rádio e, mais tarde, a televisão, entre outros tantos processos de transmissão de dados, como as redes telemáticas dos dias de hoje, que sugerem novas posturas em relação à prática da ação da jornalística e da própria organização dos pressupostos filosóficos do jornalismo. E estas ações vão muito além do Jornalismo Cívico, Cidadão etc. (Outing, 2005; Lule, 2006; Silverstone, 2004) e são menos otimistas do que a realidade proposta pelo guru norte-americano do jornalismo participativo, Dan Gillmor (2004: 137), que declarou que, “pela primeira vez na história moderna o usuário está verdadeiramente no poder”. Para Axel Bruns, o jornalismo participativo “*aims to [...] develop a new form of ‘civic commons’ where solutions to existing problems are found through constructive debates that are orchestrated and led by editors and journalists on their pages*” (2005: 23). Seguindo este raciocínio, a narrativa deve ser convertida “*in a useful product through human effort*” (apud Rauning, 2009). Por isso, é preciso construir relações com os públicos para que possa haver comprometimento e esforço conjuntos, numa orquestração que componha uma obra afinada.

É necessário que se pesquise essas questões. Porém, quando se busca dados sobre estas reflexões vê-se que as pesquisas sobre jornalismo na participativa web, hoje, são todas focadas na construção colaborativa do texto verbal impresso. É sob esse viés que vem se discutindo a produção cívica, cidadã ou participativa da prática jornalística. Por outro lado, vê-se que, na prática, no ambiente dos softwares sociais, por exemplo, é cada vez menos concreto manifestações vinculadas apenas a este código ou com a lógica do modelo tradicional (composição de foto, legenda, título e *links* para áudio e vídeo).

As organizações de notícias devem ir aonde está sua audiência e utilizar a ferramenta que esta utiliza. Para os jovens, que são a audiência do futuro, isto significa os

dispositivos móveis e acrescenta-se, aqui, os softwares sociais. O desafio para os jornalistas e saber como apresentar o conteúdo nestas mídias de maneira efetiva.

As mídias móveis não são simples páginas web menores. Não se cria um site mobile construindo um website e acessando-o pelo telefone. [...] Com as notícias online, aprendemos a utilizar as capacidades nativas do meio online acrescentando áudio, vídeo, gráficos interativos, debates, pesquisas, chat e jogos. Com as notícias móveis, estamos aprendendo a utilizar os aplicativos e particularmente as capacidades de georreferenciação dos smartphones. Estamos aprendendo a encontrar as coisas mais próximas de nós. Estamos aprendendo a utilizar os celulares para encontrar fontes. Também estamos aprendendo sobre a necessidade de um design sensível que reconheça o tipo de dispositivo que estamos usando no momento- laptop ou telefone (Kebbel, 2013).

Mas fica a pergunta, e com os softwares sociais, o que os profissionais da mídia estão fazendo? É preciso subverter os modelos, como diz Benjamin. Propor a ação efetiva do cidadão como ator/ produtor/ autor como peça de uma engrenagem inserida na cibercidade e sua pluralidade midiática. Lefebvre (2006: 34-25) lembra que a cultura ocidental “sobrevaleoriza a escrita em detrimento da prática social, que ela oculta”. Para o autor, o espaço produzido também “se decifra, se lê, implica um processo significativo”. Por que não começar a se produzir novas mensagens, em diferentes códigos nos espaços virtuais e atômicos? Ainda segundo Lefebvre (2006: 17), as pesquisas jamais chegam a um discurso sobre o espaço. “Transfere-se para o discurso, para a linguagem como tal, para o espaço mental, boa parte das atribuições e propriedades do espaço social.”

A cidade de Maringá, no Noroeste do estado do Paraná, foi uma das que mais sofreu no Paraná com a epidemia de dengue que assolou o país, em 2007. De acordo com dados da Secretaria Municipal de Saúde, 5.680 casos foram confirmados naquela época. Agora, em 2013, mais 11 municípios do Noroeste do Paraná registraram epidemia de dengue. Vários da abrangência da Amusep, como Doutor Camargo, Diamante do Norte, Loanda, Paiçandu, Santo Inácio e Uniflor. Ao todo, 46 municípios estão em estado epidêmico no Paraná – estes somam 80% do número total de casos confirmados no estado. Todas as mortes registradas por dengue no Paraná, de agosto de 2012 até abril deste ano ocorreram Noroeste do estado. Foram sete mortos por conta da doença em Campo Mourão, um em Paranaíba e um em Maringá².

2 Dados de maio de 2013 da 15ª Regional de Saúde do Paraná.

O município paranaense que mais registrou casos de dengue desde agosto do ano passado é Paranavaí, com 6.950 casos, cidade vizinha de Maringá.

Pensando na questão da epidemia, vê-se que a ação da mídia no combate à dengue não vem surtindo o efeito desejado. Imagina-se que o que pesa neste cenário é o fato de que, nos dias de hoje, mais que informar é preciso mobilizar o indivíduo para as causas. Não se consegue enxergar que a simples produção e veiculação de um texto pode não atrair a atenção de um sujeito que vive imerso na dinâmica dos softwares sociais. Por isso, pensa-se que o jornalista precisa se inserir no processo das redes, atuar como agente dos temas que ele sugere discutir com seu público. Pensa-se que ele deve funcionar como o diretor de uma peça e cooptar o público (cidadãos) para agir em relação aos temas e cuidados pertinentes a sua comunidade. Como o profissional do Iluminismo, que fez nascer o jornalismo como manifestação da cultura, é preciso que ele atue em consonância com seu tempo e se torne um agente que possa habilitar o cidadão como ator de uma ação concreta nos tempos da cibercultura. Agora, acredita-se, é hora dele instigar o cibercidadão a refletir sobre todos os aspectos do cotidiano. Como disse Benjamin, usar a sua produção cultural para reescrever o cotidiano da comunidade. É preciso subverter os atuais modelos de disseminação de informação, acrescenta Benjamin. Propor a ação efetiva do cidadão como ator/produztor/autor, como parte integrante de uma engrenagem inserida na cibercidade e sua pluralidade midiática.

Zielinski nos alerta sobre o fato de que “cultivar dramaturgias da diferença é um remédio efetivo contra a crescente ergonomização dos mundos midiáticos técnicos” (2007, p.283). Mais que não acompanhar as mudanças sociais, imprimindo novas características aos produtos da mídia, Zielinski nos alerta para o fato de que não podemos “ficar para trás das máquinas”, que vêm se multiplicando em natureza e forma. Brecht (1932) diz que os sentidos e a razão não são elaborados como estando em oposição. São forças envolvidas entre si, num jogo social estimulante, que podemos chamar de arte. Para ele, é uma espécie de produção criativa, artística conseguir “converter os informes dos governantes em respostas às perguntas dos governados [...] é dar a essas tentativas instrutivas um caráter interessante, isto é, fazer interessantes os interesses”. Brecht nos abre a porta para isso quando diz que “derivamos nossa estética, assim como nossa ética, a partir das nossas necessidades de luta” (*apud* Rauning, 2009).

Hoje, em grandes centros urbanos do mundo, artistas plásticos realizam murais, esculturas, grafites e intervenções com o objetivo de sensibilizar o espaço urbano, mostrando que a cidade é um organismo vivo

e que a arte tem de estar ao alcance de todos. É dessa mistura de arte com ativismo que surgiu o conceito de *artivismo*.

Segundo Miguel Chaia, nos dias de hoje, a relação entre arte e política estreita-se profundamente. Nesta história, dois momentos podem ser destacados. O primeiro momento encontra-se nos movimentos sociais que ocorreram a partir do final da década de 60, como a luta pelos direitos civis, as manifestações contra a Guerra do Vietnã, as mobilizações estudantis e a contracultura. O segundo refere-se à produção das novas tecnologias, que ganham intensidade a partir de meados dos anos 90, quando a Internet e as conquistas tecnológicas promovem novas dimensões de espaço e tempo, propiciando as mais diferentes e inusitadas práticas.

Estas duas circunstâncias, aliadas a outras como, por exemplo, a arte conceitual (década de 70), tornam-se fundamentais para a emergência da arte ativista que, a partir dos anos 80, ganha contornos bem definidos. De imediato, o ativismo cultural tende a aproximar-se da anti-arte, ao eliminar o objeto artístico em favor da intervenção social inspirada pela estética e ao desconsiderar a contemplação em benefício do envolvimento da comunidade. Neste fazer, os sujeitos produzem conceitos ou práticas, tendo por base uma consciência crítica aguçada portada pelo artista individual ou por um coletivo. O *artivismo* distingue-se pelo uso de métodos colaborativos de execução do trabalho e de disseminação dos resultados obtidos (Chaia, 2007).

A professora Diana Domingues realizou uma experiência que pode ser modelo para o que se propõe nesta discussão. Foi a oficina *Narrativas Cíbridas³, tecnologias da mobilidade e vida urbana misturada*.

Durante percursos no espaço urbano, participantes tiveram o sentido de presença co-locado, aqui e acolá, ou seja, na cidade e no ciberespaço, ao trocarem mensagens com outros, recriando pela imaginação os lugares, as personagens e os hábitos a partir de textos, sons e imagens. A experiência física da vida na cidade e a criação colaborativa de narrativas, que usam de celulares como interfaces locativas, possibilitam as trocas de mensagens que ampliam a relação com o lugar,

3 Título da oficina “Narrativas Cíbridas: Tecnologias da mobilidade e vida urbana misturada” elaborada e ministrada por Diana Domingues, Carla Castanho, Eliseo Reategui, Tiago Franklin R. Lucena e Moema Rampon. Na 13^a Jornada Nacional de Literatura: Arte e Tecnologia - Novas Interfaces realizada na cidade de Passo Fundo_RS de 27 a 29 de Outubro de 2009.

num processo de vida urbana misturada. Narrativas dos participantes depositadas na rede foram compartilhadas com outros participantes da cidade, e disponibilizadas no endereço *online* (no caso da oficina flickr.com). Geraram-se narrativas híbridas, numa rede social em estado emergente, em autorias compartilhadas, com histórias re-contadas em estados de constante transformação pelos fluxos no espaço físico da cidade e no ciberespaço (ciber+híbrido) (Diana e Lucena, 2011).

Nesta proposta, enquanto os cidadãos transformam o cotidiano em arte... em texto, em imagens, em som, os profissionais da comunicação transformam os dados em informação de cunho social, em obra cooperativa. Os cidadãos registram o seu drama a partir da sua estética, a sua relação com o espaço, com a paisagem, com o bairro. Neste processo, o comunicador é o “curador”.

5. Considerações finais

É preciso, então, entrar no universo das redes onde estão as pessoas com quem se quer falar e trazê-las, por meio de desafios, para construir o conteúdo de sua própria história. O cenário atual mostra que há a ebulição de tecnologias de rede e de mobilidade, que provocam protocolos diferentes para os processos de comunicação. Enfim, aqui se propõe uma nova prática de comunicação em saúde em consonância com o ambiente tecnológico da contemporaneidade. A proposta é que o jornalista adote novas maneiras de trabalhar a informação de cunho social para além da produção da reportagem em código verbal, fazendo com que este possa agir como “diretor” de um ativismo cotidiano e possa contribuir com o surgimento, no espaço da cidade real e virtual, de uma relação mais saudável entre homem/personagem e ambiente.

O alerta fica para os produtores de conteúdo, jornalistas, comunicadores etc... Mais uma vez se destaca que não há mais razão para reprodutores de notícias. É preciso se engajar com a comunidade, tornar-se um agente operativo e dar conta de compreender a dinâmica da participação, que é a tônica destes novos tempos de práticas colaborativas de ativismo cultural digital na rede, ou ciberativismo realizado em ambientes, marcados pela reciprocidade e colaboração, nas quais consumidores se tornam produtores, e produtores consumidores, leitores escritores e escritores leitores. Neste universo, o papel do jornalista se amplia, se desenha como o do diretor de uma atividade que une expressões nos mais diferentes códigos e tecnologia para esquadrihar uma dinâmica de transformação social, da reengenharia da cultura, do cotidiano.

É a realidade tecnológica, a social e a política se confrontando com a prática profissional, apontando para o surgimento de manifestações comunicacionais

efetivamente explosivas, que podemos chamar de inovadoras, no jargão científico, combinando arte, tecnologia, jornalismo e ativismo. Arte e tecnologia para a mobilização social, esta última, a base da filosofia do jornalismo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, W. [2006] O autor como produtor. In: **A modernidade**. Obras escolhidas de Walter Benjamin, [edição e tradução de João Barrento], Lisboa, Assírio & Alvim.
- BRASIL** é o 5º país que mais procura informação sobre saúde na Internet [internet]. O Globo. 2011 jan. 4 [acesso em 2011 out. 6]. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/tecnologia/mat/2011/01/04/brasil-o-5-pais-que-maisprocura-orientacoes-sobre-saude-na-internet-revela-pesquisa-923418594.asp>
- BRASIL**. [2009] **Cartilha Redes de produção de saúde**. Brasília: Ministério da Saúde.
- BRECHT, B. [2005] **Teoria do Rádio** (1927-1932). In: MEDITSCH, Eduardo (org). **Teorias do Rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular.
- BRUNS, A. [2005] **Gatewatching**. Collaborative Online News Production. New York: Peter Lang Publishing Inc.
- CHAIA, M. [2007] **Artivismo – Política e Arte Hoje**. Aurora, 1: 2007. São Paulo: PUC/SP.
- CAPRA F. [1982] **O Ponto de Mutação**. São Paulo: Editora Cultrix.
- CASTELLS, M. [2013] o Povo não vai Cansar de Protestas. **O Globo**. Rio de Janeiro, 29 de jun 2013, País. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/manuel-castells-povo-nao-vai-se-cansar-de-protestar-8860333#ixzz2Y8Exz8zs>. Acesso em: 6 jul 2013.
- COX G. & KRYSA J. [2005] **Engineering Culture: On ‘The Author as (Digital) Producer.’** Edited by (New York: Autonomedia).
- DEBORD, G. [1997] **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto.
- DOMINGUES, D. *et al.* [2013] **Envisioning Ecosystems: Biodiversity, Infirmary and Affectivity**. Disponível em: <http://www.intechopen.com/books/diversity-of-ecosystems/envisioning-ecosystems-biodiversity-infirmary-and-affectivity>. Acedido a 19 março de 2013.
- DOMINGUES, D. [2007] **Softwares Sociais**: o autor como produtor de ciberativismo cultural. In: COMPÓS/ Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.
- DOMINGUES, D ; LUCENA, T. [2011] Reingeniería de La Vida Urbana: Público y Privado integrados en las tecnologías móviles. **Cibertronic**: Revista de Artes

Mediaticas de la Universidad Nacional Tres de Febrero, Buenos Aires-Argentina, p. 0, 02 nov.

GILLMOR, D. [2004] **We The Media**: Grassroots journalism by the people, for the people. Sebastopol: O'Reilly Media.

HALL, S. [2005] **A identidade cultura na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KEBBEL, G. [2013] Jornalismo em mídias móveis: não é simplesmente uma página eletrônica menor. **O Estado do Tapajós**. Edição Digital nº 1918. Cidades. 14 de Ago 2013. [acesso em 2013 ago 14]. Disponível em: <http://www.oestadonet.com.br/cidades/item/368-jornalismo-em-midias-moveis-nao-e-simplesmente-uma-pagina-eletronica-menor>.

LEFEBVRE, H. [2006] A Produção do Espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace, 4ª Ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000).

LOPES, F, Ruão T, Marinho S, Araújo R. [2011] **Jornalismo de Saúde e Fontes de Informação**: uma análise dos jornais portugueses entre 2008 e 2010. Derecho a Comunicar [internet]. maio 2011 [acesso em 2011 out. 6]. (2): 100-20. Disponível em: http://www.derechoacomunicar.amedia.org.mx/pdf/num2/7-rita_araujo.pdf

LULE, J. [2006]. **(New) Media Studies**. Critical Studies in Media Communication. 23(4), 339-339.

MARTINEZ, A. [2013] Novo mapa colaborativo rastreia ataques contra jornalistas e usuários de mídias sociais no México. **Blog JORNALISMO NAS AMERICAS**. 30 abr 2013. Austin, 2013.

MENDES, E V. [2011] **As redes de atenção à saúde**. / Eugênio Vilaça Mendes. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde.

MINISTÉRIO das Comunicações [2013]. Acessos em banda larga móvel crescem 1.800% em quatro anos. **Sala de Imprensa**. Brasília. 9 abr 2013. Disponível em: <http://www.mc.gov.br/sala-de-imprensa/todas-as-noticias/institucionais/26684-acessos-em-banda-larga-movel-crescem-1-800-em-4-anos>. Acessado em: 12 abr 2013.

OUTING, S. [2005]. **Managing the army of temporary journalists**: Eyewitness online reporting about the tsunami complements coverage by mainstream news organizations. Neiman Reports, March, 79-80.

RAUNING, G. [2009] **Changing the Production Apparatus**, in: Gustav Klucis. En el frente del arte constructivista, Sevilla: Cajasol Obra Social. 38-44.

SANTOS, M. [2006] A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.- 4. ed. 2. reimpressão - São Paulo: Editorada Universidade de São Paulo - (Coleção

Milton Santos; 1).

SILVERSTONE, R. [2004]. **9/11 and new media**. New Media and Society. 6(5), 587-590.

VELHO, A. P. M. [2007] **O Jornalismo hipermídia**: desenhando a notícia científica na Web [Tese (Doutorado) Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ZIELINSKI, S [2007]. **A Arqueologia da Mídia**: um tempo remoto das técnicas do ver e do ouvir. São Paulo: Annablume.